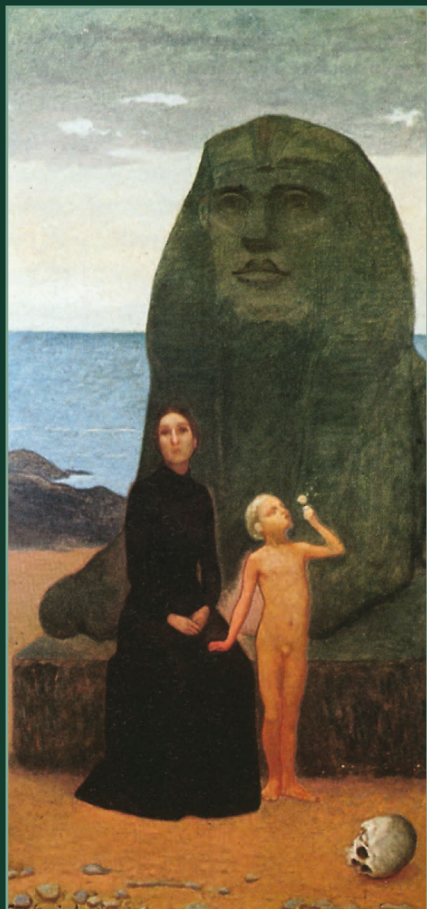


Maria Luísa Guerra

FADO

ALMA DE UM POVO



temas portugueses

Maria Luísa Guerra

FADO

ALMA DE UM POVO

(ORIGEM HISTÓRICA)

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2003

*À memória de José Guerra,
querido Feiticeiro do fado*

GUITARRAS E VIOLAS (SÉCULOS XII-XVIII)

«E ali vinham outros donzéis
 e tangiam *guitarras e violas*
 e outros instrumentos e todos
 vinham por aquelas ervas para folgar...»

Do «Conto de Amaro», inserto no
Códice Alcobacense, n.º 266, fl. 122.

PRIMEIRAS NOTAS

Este texto do século XIV, versão portuguesa de uma lenda medieval, introduz dois tópicos fundamentais do imaginário da nossa cultura musical. Não são os aspectos técnicos da guitarra e da viola que agora importa referir. Procuram-se outros ângulos de abordagem, com imediata incidência no campo social e na consciência colectiva. Importa considerar que o mundo do lazer teve o seu ritmo e a sua hierarquia.

Poetar e tanger foi, em tempos idos, privilégio dos poderosos, nobres e reis. Só eles eram trovadores. Trovavam por desenfado e por puro gozo estético. Ao contrário, os *segréis* (também da nobreza, mas em más condições económicas) trovavam por dinheiro. Eram acompanhados muitas vezes por *jograis*, homens do povo que executavam o que lhes pediam. Tocavam, mas não compunham. O estatuto social marcava o lugar e determinava a função. Jogral era jogral, trovador era trovador.

Um jogral chamado Lourenço ousou abalar a ordem estabelecida e meteu-se a trovar. Logo sofreu o escárnio crítico do poderoso valido de D. Afonso III, D. João Peres de Aboim, um dos maiores trovadores do seu tempo. Disse-lhe Aboim que, mal ou

bem, já se ia arranjando com o seu citolão, mas que se desenganasse de trovar, porque percebia tanto disso como um asno percebe de ler:

*e quero-te eu disto desenganar:
bem tanto sabes tu que é trovar
bem quanto sabe o asno de ler.*

(*Cancioneiro da Vaticana*, cantiga 1010.)

Lourenço também criticou o seu próprio patrão, João Garcia de Guilhade, por ser mau trovador. Irritado, este quis partir-lhe a cabeça com o citolão:

*Vês, Lourenço, ora me assanharei,
pois mal entenças, e te ende farei
o citolão na cabeça quebrar.*

(*Cancioneiro da Vaticana*, cantiga 1104.)

Trovadores e jograis uniam-se num acto estético, mas o jogral era um infiltrado, vilão que buscava honra. Suportava-se mal que subisse na hierarquia artística.

As imagens deste mundo estão representadas nas iluminuras do *Cancioneiro da Ajuda*: o trovador, sentado, segura o rol das cantigas e o jogral, de pé, toca cítola (cítara).

Foi a *cítara* que animou os saraus dos primeiros reis portugueses, à maneira da corte de Leão.

No Paço de Guimarães, D. Afonso Henriques organizou várias festas com doçainas, harpas e cítaras, em honra de D. Sancha das Astúrias, filha de D. Álvaro das Astúrias.

D. Sancho I repetiu estes saraus em Coimbra. Nas salas da Alcáçova ecoaram muitas vezes os sons das cítaras em honra da rainha D. Dulce e das suas damas, enquanto as jogralesas sublinhavam a dança com adufes e pandeiros.

A cítara (cistula, cítola, situla) fez, portanto, parte do quotidiano musical, na cidade e no campo. Em Estremoz, foi construído na Igreja de S. Miguel o túmulo de um nobre local, Martim Rodrigues Situleiro, falecido a 16 de Dezembro de 1371 (reinava D. Fernando).

«Situleiro» porque tocava *situla*? Cítola? Tem por armas cinco cabeças de serpe, sem timbre.

Já no reinado de D. Afonso V, por ocasião dos esponsais de sua irmã, a infanta D. Leonor, com Frederico III, imperador da Alemanha (24 de Outubro de 1415), houve estrangeiros que notaram «canções agradabilíssimas» e «tocadores de som mavioso».

Que instrumentos eram esses que provocavam «um som mavioso»? Por que é que as canções eram também «agradabilíssimas»?

D. Afonso V foi um músico distinto, formado por um mestre notável, Tristão da Silva. Contribuiu, talvez por isso, para reforçar o uso da cítara.

Anos mais tarde, quando a infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel, partiu de Lisboa para casar com Carlos III, duque de Sabóia (9 de Agosto de 1521), levou no seu enxoval «seis charamelas, três violas de arco, *uma cítara*, oito trombetas, seis tambores»!...¹

Uma cítara...

MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE OS NOMES

PÊRO MARQUES *Dai ó demo a cancela
E quem a trouxe da feira:
Eu não saberei aqui ser.
Dou já ó fogo a guitarra!
Quem tinha esta zanguizarra?*

PORTEIRO *Quem a sabe conhecer?*

(Gil Vicente, *O Juiz da Beira*,
Almeirim, 1525.)

A cítara chama-se guitarra. Pode ser vendida nas feiras. Artesanal é a «zanguizarra» que o Juiz da Beira, criado por Gil Vicente em 1525, quis deitar ao lume. O reparo do Porteiro é

¹ Garcia de Resende, *Crónica de D. João II*, «Ida da Infanta Dona Beatriz para Sabóia», p. 324, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1973.

oportuno: quem a sabe conhecer? Vai ser cada vez mais companheira do povo em oposição à viola, símbolo da fidalguia:

FILIPA *Quando vejo um cortesão
Com pantufas de veludo,
E uma viola na mão,
Tresanda-me o coração,
E leva-me a alma e tudo.*

(Gil Vicente, *Tragicomédia Pastoral da Serra da Estrela*, Coimbra, 1527.)

INÊS *Judeus, que novas trazeis?*

VIDAL *O marido que quereis
De viola e dessa sorte
Não no há senão na corte,
Que cá não no achareis.*

(Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*, 1523.)

A viola era portanto apanágio dos poderosos, sinal de distinção, mesmo quando as rendas escasseavam. Gil Vicente retrata a mentalidade desta nobreza que escondia a sua decadência no cantar e no tanger. Na farsa *Quem Tem Farelos*, Aires Rosado é o símbolo de todos os escudeiros empobrecidos e Apariço, seu criado, a voz de todos os criados que ridicularizavam as prosápias dos seus amos:

ORDONHO *Quem é teu amo? Diz, irmão?*

APARIÇO *É o demo que me tome:
Morremos ambos de fome
E de lazeira todo ano.
.....
Todo dia sem comer,
Cantar e sempre tanger,
Suspirar e bocejar.
Sempre anda falando só,
Faz umas trovas tão frias,
Tão sem graça, tão vazias,
Que é coisa para haver dó.*

*E presume d'embicado;
Que com isto raivo eu.
Três anos há que sou seu,
E nunca lhe vi cruzado.
Mas segundo nós gastamos,
Um tostão nos dura um mês.*

ORDONHO *Corpo de San! Que comeis?*

APARIÇO *Nem de pão não nos fartamos.*

ORDONHO *E o cavalo?*

APARIÇO *Está na pele,
Que lhe fura já a ossada:
Não comemos quase nada
Eu e o cavalo, nem ele.
E se o visses brazonar,
E fingir mais d'esforçado;
E todo o dia aturado
Se lhe vai em se gabar.*

(Da farsa *Quem Tem Farelos*, 1505.)

Camões retoma este tema no *Auto de Filodemo*:

FILODEMO *Traze-me a viola cá.*

.....

VILARDO *Ora eu creio, se é verdade
Que estou de todo acordado,
Que o meu amo é namorado;
E a mi dá-me na vontade
Que anda um pouco abalado.
E se tal é, eu daria
Por conhecer a donzela
A razão de hoje este dia;
Porque a desenganaria,
Somente por ter dó dela.
Havia-lhe perguntar:
Senhora, de que comeis?
Se comeis de ouvir cantar,
De falar bem, de trovar,
Em boa hora casareis.*

(Camões,
Auto de Filodemo, cena III.)

Na alegria e na tristeza, no enlevo da paixão, na aventura da viagem, na solidão e na distância, a viola era a companhia e a confidente. Viajava nos barcos, como bem se pode depreender desta descrição da embaixada de D. Rodrigo de Lima ao Preste João (1521): «Foram chamados ao Preste [...] e o Preste esteve com os nossos em muitas perguntas, e lhe mandou que corressem e saltassem, e jogassem com as armas como pelejavam, e cantassem e tangessem. O que tudo fizeram, e lhe tangeram *viola*, e cravo, e órgãos, e frautas, porque Dom Rodrigo levou homens que tudo sabiam fazer e levavam todos os aparelhos que cumpria; com que tudo muito folgou o Preste, e os seus que eram presentes.»²

Havia em Lisboa uma «Escola de ensinar a tanger viola»³.

VIOLAS E VIOLEIROS

Na segunda metade do século XVI, residiam em Lisboa os seguintes violeiros:

António Dias — vivia em casas de Lançarote Dias e estava avaliado em dez mil réis. Pagava de contribuição LXX rs.

António Fernandes — vivia em casas de Isabel Cabral e estava avaliado em dez mil réis. Pagava de contribuição LXX rs.

Nicolau Braz — vivia em casas do Licenciado Jerónimo da Veiga e estava avaliado em dez mil réis. Pagava de contribuição LXX rs.

Jerónimo Duarte — vivia em casas de Antónia de Paiva e estava avaliado em doze mil réis. Pagava de contribuição LXXXIII rs.

Cristovão Dias — vivia em casas do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça e estava avaliado em vinte mil réis. Pagava de contribuição cento e C^{to}XL rs.

² Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, vol. III, cap. III, pp. 37-38, Tesouros da Literatura e da História, Lello e Irmão, Porto, 1975.

³ João Brandão, *Tratado da Majestade, Grandeza e Abastança da Cidade de Lisboa na 2.^a Metade do Séc. XVI*, p. 211, Livraria Ferin Editora, Lisboa, 1923.

Amaro Dias — vivia em casas de D. António de Noronha e estava avaliado em cento e vinte mil réis. Pagava de contribuição VIII^{XL} rs.

João Tomé — vivia em casas de Diogo Fernandes e estava avaliado em cinquenta mil réis. Pagava de contribuição III^{ta} rs.

Habitavam todos na freguesia dos Mártires, no Santo Espírito da Pedreira.

António Lopes — vivia em casas de Pedro Leitão e estava avaliado em quarenta mil réis. Pagava de contribuição III^{LXXX} rs. Habitava na Rua dos Douradores.

Diogo Dias — vivia em casas suas e estava avaliado em cem mil réis. Pagava de contribuição V^{II} rs. Habitava, segundo relato da época, na rua que vai das casas do capitão D. Fernão de Almada para o chão de D. Henrique, na freguesia de Santa Justa ⁴.

Em 27 de Agosto de 1539, D. João III reorganizou os ofícios para evitar «entre eles ódios, e discórdias, e demandas». Voltou «ao dito número de vinte e quatro, como antigamente eram».

No que respeita aos violeiros, integrou-os na bandeira de S. José: «O ofício de Pedreiros, e Carpinteiros é Cabeça; tem anexos Torneiros, Taipeiros, Violeiros; estes darão à Casa dois homens.» (Da anexação dos Ofícios dada pelo Sereníssimo Senhor Rei Dom João 3.^o — Carta Régia, 27 de Agosto de 1539.)

Reuniam-se no Hospital Real de Todos os Santos para resolver assuntos do seu interesse. A bandeira que os representava e que figurava em actos públicos (como a importante Procissão do Corpo de Deus) era solenemente exposta, todos os anos, a 19 de Março, na Igreja de S. José.

O Regimento dos Violeiros foi compilado, com outros, por Duarte Nunes de Leão, em 1572. Fixava as normas que estes profissionais deviam cumprir:

E o oficial do dito ofício que tenda houver de ter, fará uma viola de seis ordens de costilhas de pau preto ou

⁴ *Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa Fez a El-Rei Nosso Senhor no Ano de 1565*, vol. II, fls. 214-216 e 218-257, e vol. III, fl. 461 r., Câmara Municipal de Lisboa, 1948.

vermelho lavrado de folha muito bem moldada e lavrada, tampão e fundo de duas metades — ss — junta pelo meio, muito bem feita e marchetada com um marchete de oito e outro de quatro muito bem feitos, e pelo pescoço arriba levará um rótulo ou uma trena com umas encaixaduras, com seus remates e será grudada com grude de peixe, fundo e tampão e será forrada por dentro com forros de pano:

— Fará um laço de talha fundo ou raso muito bem feito:

— Regrará muito bem a dita viola e a alimpará e por esta maneira será acabada:

— Encordoará a dita viola muito bem segundo pertencer ao tamanho dela e apontará e afinará de maneira que possam nela tanger:

— Fará um tabuleiro de xadrez e tábuas acostumado muito bem desempenado que seja para passar com as casas do tabuleiro muito bem assentadas:

— Fará uma harpa do tamanho que quizerem bem lavrada e bem junta e bem grudada com grude de peixe e de bom compasso das cordas que não vão umas mais largas que outras:

— Fará uma viola de arco tipre ou contrabaixa qual quizerem lavrada de fogo e do tampão cavado de muito boa grossura toda igual e da regra que venha conforme ao cavalete que não seja muito alto nem muito baixo:

12 — Mandam que os violeiros que tenda tiverem que façam as violas de seis ordens de duas costilhas e sejam forradas com piões ou lenços e os laços delas de talha sejam de folha e se os quizerem fazer no tampão sejam forrados de pergaminho. [Do Regimento dos Violeiros, cap. XLI, fls. 157-159.]

O ofício de cordoeiro de cordas de viola estava ligado ao de violeiro e pertencia também à bandeira de S. José.

O regimento deste ofício é muito pormenorizado. Marca, com rigor, os preceitos que deviam ser cumpridos porque, sem boas cordas, não podia haver boas violas:

3 — E todo o oficial que do dito ofício de fazer cordas quizer usar saberá muito bem lavar e curtir em decoadas limpas e bem temperadas de tal maneira que não

ÍNDICE

1 — GUITARRAS E VIOLAS (SÉCULOS XII-XVIII):

Primeiras notas	9
Mudam-se os tempos, mudam-se os nomes	11
Violas e violeiros	14
Um grito existencial	26

2 — BELÉM: PRAIA DE LÁGRIMAS:

Uma experiência secular	29
Ficar a ver navios	31

3 — MAR E SAUDADE:

«Um sentido do coração»	35
-------------------------------	----

4 — MAR E SOLIDÃO:

«Aparelhados para a morte»	39
Nas mãos do destino	40
Mil invenções de trabalhos	41
Fomes e doenças	42
Aliviar o peso das naus (morte por sorteio)	42
Promessas na aflição	43
Luto geral	43
Morrer a filosofar	44
«Entre prazer e lágrimas»	44

5 — MAR E MÚSICA:

Cantar e tanger	47
No mar e em terra	57

6 — FADO:

A lenta origem	65
Perfil orgânico.....	127
Perfil temático	130
Conclusão	175
Referência dos fados citados	179
Agradecimentos	189